

# “A democracia não combina com a amputação de direitos sociais e laborais”

ZITA FONSECA

zitafonseca@jornaldebarcelos.com.pt

Durante duas décadas e meia foi o rosto da mais poderosa central sindical. Do sindicalismo à investigação no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra foi um longo percurso marcado pela luta pela conquista de direitos laborais que considera indissociáveis dos direitos sociais. Denuncia a precariedade laboral como inimiga da democracia, mas não está pessimista em relação ao futuro. Defende a actual solução governativa e acha que Marcelo, em muitos aspectos, tem sido uma boa surpresa.

Foi o rosto do sindicalismo em Portugal durante muitos anos. Os sindicalistas são figuras mal-amadas por uma parte da sociedade, porque o sindicalismo pressupõe reivindicação e confronto. Depois de deixar a CGTP tornou-se de algum modo, uma figura consensual. Isso não lhe faz confusão?

Não. Citando as palavras que usou - “o sindicalismo pressupõe confronto” -, sim, o sindicalismo é a expressão da organização colectiva dos trabalhadores, é o movimento social moderno com maior longevidade. Surgiu há cerca de dois séculos e teve períodos altos e períodos baixos. É interessante a observação, porque na sociedade portuguesa há uma certa tendência, que se espalha para dentro das universidades, de repulsa em relação à análise do conflito. Isso é um absurdo.

É uma herança do salazarismo, ainda?

E de coisas que vêm ainda mais atrás, mas bas-



FOTOS DR

tante do salazarismo. Ou seja, o salazarismo impediu a sociedade portuguesa de se desenvolver nesse como noutros aspectos do pensamento moderno. A questão é esta: nas relações humanas, o conflito é natural e nas relações de trabalho ele está lá sempre. É inerente. Os alemães assumem o conflito na análise e no estudo das relações sociais e de trabalho como uma coisa absolutamente normal. O que é preciso é preparar as pessoas para gerirem os conflitos, saberem interpretar os factores em tensão. Portanto, o sindicalismo tem de ser sempre portador de cargas que têm a ver com o conflito. Também importa reter a questão por um outro aspecto: o neoliberalismo trouxe muito uma onda subversiva de se querer colocar o individual e o colectivo em confronto, quer do ponto de vista objectivo, quer do simbólico. Mas, o ser humano sendo um ser social, é co-

lectivo. Não é possível tratar as questões da sociedade sem haver este equilíbrio entre o individual e o colectivo e não há direitos individuais consolidados se não houver ancoradouros colectivos. A segunda parte da questão que coloca... A única coisa que lhe direi é que tenho um certo orgulho em ter o percurso que tenho e procurarei, toda a vida não me distanciar dos valores do trabalho e dos trabalhadores e do sindicalismo, mas acho que é importante trazer esses valores para uma análise mais global da sociedade e lidar com o todo da sociedade na interpretação de que o mundo do trabalho precisa de ser olhado com atenção por toda a sociedade. Ainda ontem [sexta-feira] publicámos um trabalho do centro de Estudo Sociais sobre as características do novo emprego e é interessante que o PSD veio comentá-lo reconhecendo que estava ali um apelo à sociedade.

**“A LUTA CONTRA O TRABALHO INFANTIL FEZ MAIS PELA MODERNIZAÇÃO DO SECTOR DO CALÇADO QUE TODOS OS PLANOS PROGRAMÁTICOS”**

Mas esse lado de algum modo consensual em relação à sua pessoa, depois de tantos anos a ser o rosto de um dos lados, é uma mudança muito grande na sua vida. Acha que deixou de ser temido?

Sendo secretário-geral de uma confederação muito grande como é a CGTP que teve um papel muito, muito, decisivo durante algumas décadas, é natural e inerente às organizações que haja poder, não escamoteio isso. Mas, não é tanto essa a questão. Sempre mantive relações bastante boas com múltiplos sectores da sociedade. Há combates em que me envolvi onde fizemos alianças muito grandes. Estou a

lembrar-me, aqui no Norte, da luta pelas 40 horas de trabalho, ou toda a mobilização contra o trabalho infantil, muito desenvolvida a partir dos distritos de Braga e do Porto, e em particular de Braga, que geraram cumplicidades entre muita gente. Por exemplo: o Frederico Fortunato, o homem forte do sector do calçado teve um papel absolutamente estratégico na promoção do sector. Já uma vez, em público, fomos consensuais ao afirmarmos que a luta contra o trabalho infantil fez mais pela modernização do sector do calçado que todos os planos programáticos, políticos, que foram apresentados. E ele esteve nesse combate. Era necessário negociar posições e isso foi feito com ele, como foi feito com outros empresários noutras matérias. Como o consenso para o estabelecimento, em 1998, das 40 horas como limite máximo nacional, foi trabalho muito a partir dos dis-

tritos de Braga e do Porto com gente diversa. Recordo que o último telefonema, antes de terminarmos uma greve que tinha durado 15 meses, com o presidente da CIP [Confederação da Indústria Portuguesa], eng.º Nogueira Simões, fi-lo numa manhã de sábado em Joane, aqui bem próximo. É possível que exista um pouco aquilo que diz: está bem, este tipo, agora já não é o perigo de um poder que se pode manifestar. Mas, por outro lado, na sociedade há sempre gente que cristaliza e há outros que tentam colar-me sempre o rótulo de sindicalista e só de sindicalista. Sou sindicalista, mas fiz outras coisas ao longo da vida.

Fala do sindicalismo como o movimento mais premente da sociedade contemporânea...

O sindicalismo é antecessor, mas ao mesmo tempo contemporâneo de toda a afirmação dos movimentos sociais e do Estado moderno. Quando se vê a fase final do século XIX; quando se vai ver a história da Alemanha e o que foram os impulsos para a unificação ou quando a indústria começava a afirmar-se, vemos que o sindicalismo estava ali com uma efervescência fortíssima quando, também o Estado moderno se estava a consolidar.

**“EM 2020 O SALÁRIO MÍNIMO CHINÊS JÁ ESTARÁ ACIMA DO SALÁRIO MÍNIMO DE SETE OU OITO PAÍSES DA UNIÃO EUROPEIA”**

Estamos numa fase em que se tem a percepção e que os direitos laborais / sociais...

Uns andam sempre junto dos outros.

... que se conquistaram desde finais do século XIX e ao longo do século XX estão ameaçados.

Muito daquilo que se afirma como moderno é muito velho. São realidades do século XIX e do século XX. E há aqui grandes preocupações. A partir de final dos anos 70, à escala europeia começou a desenvolver-se (aqui veio mais tarde, porque ainda estávamos numa

dinâmica de ascensão e descensão positiva que a democracia nos propiciou) uma deriva neoliberal muito preocupante, com uma lógica de que o futuro é feito de harmonização no retrocesso em relação aos direitos sociais e aos direitos do trabalho. Isto é perigosíssimo. Democracia não combina com precariedades. A democracia não combina com a amputação de direitos sociais e laborais. Acho que estamos a aproximar-nos de um tempo desafiador.

### Porquê?

No Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra ainda esta semana organizámos em Lisboa um seminário internacional sobre os poderes no mundo do trabalho. Como estão a evoluir? Será que os sindicatos ainda têm poder? Como é que está o poder das organizações empresariais? Um dos conferencistas, o francês Philippe Pochet, apresentou um conjunto de dados muito recentes e alertava para isto: em 2020 o salário mínimo chinês já estará acima do salário mínimo de sete ou oito países da União Europeia.

### Portugal será um desses países?

Não, mas corremos o risco de entrar nesse grupo antes de 2030, se não houver alterações. No discurso dominante, simplificou-se muito ao longo dos últimos anos. Falava-se da China como trabalho escravo, trabalho muito barato. É verdade que a China tem essa vivência de um capitalismo puro e duro, mas não podemos olhar para o rendimento de um chinês e, pelo nosso estilo de vida, fazer uma transposição. Os hábitos culturais e de alimentação e outros não são comparáveis com os nossos. Estamos neste mundo de mudanças aceleradas. Nós, ocidentais, andamos muito a falar das mudanças e sempre com a ideia que o nosso modelo é que se vai impor em termos gerais, e não. Temos de começar a pensar que há outras dinâmicas de povos que estão a caminho de desenvolvimentos acelerados.

**A China, e atrás dela outros, vão atingir esse patamar de desenvolvimento e países europeus vão ficar para trás...**

Por isso é que não podemos ser condescendentes em relação à perda de direitos do trabalho e direitos sociais. Temos de ser muito acutilantes. O que pode permitir o desenvolvimento da sociedade é um equilíbrio forte entre a produção da riqueza e a sua utilização num modelo de

so. É uma questão de decadência. Durante muito tempo fui criticado por amigos que achavam que eu era excessivamente valorativo em relação ao Obama, porque eu acho que ele trouxe uma interpretação em relação ao que está a acontecer. Ou seja: assumiu que os Estados Unidos eram uma potência em decadência e para seu próprio bem deviam abrir-se muito mais ao mundo. Não estou aqui a fazer uma aprecia-

tução de grande ruptura. Penso que a União Europeia nunca teve uma opção de criar a sua identidade, foi sempre arrastada, mas está num momento em que ainda pode e deve meter travões e tentar transformar-se num projecto.

### "EU NÃO ESTOU PESSIMISTA"

**Como é que encarou os resultados das eleições na Inglaterra? E, sobretudo,**



desenvolvimento da sociedade, o que não é o mesmo que crescimento económico. São conceitos distintos.

### Isso leva-nos à questão da decadência da Europa.

Isso é uma evidência. A Europa está com alguma decadência, mas a dos Estados Unidos não é menor. Aliás, algumas destas loucuras da administração americana a que estamos a assistir, têm a ver com is-

ção do que ele fez do ponto de vista concreto, mas trazia uma lógica muito mais profunda do ponto de vista da multiculturalidade, da multilateralidade, visões de universalismo. Agora, esta gente que está a administrar os Estados Unidos, acha que vai defender a fortaleza e vai continuar a impor essa lógica e isso não é viável. Se vão por aqui, podem provocar conflitos muito violentos e si-

### aquele recuo da extrema-direita do UKIP?

Há várias coisas nas eleições inglesas que devíamos olhar com atenção. Aqui, na análise política dominante, é cometido um erro no que se refere à apreciação do que significava o "Brexit". Escreveu-se e disse-se que aquilo foi uma precipitação dos ingleses. O que se observa hoje, confirma que não é assim. Os ingleses têm uma cultura

de grande ruptura. Penso que a União Europeia nunca teve uma opção de criar a sua identidade, foi sempre arrastada, mas está num momento em que ainda pode e deve meter travões e tentar transformar-se num projecto.

### Que também não soube ser império.

Não tínhamos condições. Fomos mais intermediários de império do que, propriamente, império. É preciso pensar isso doutra forma. Hoje, só 20% ou 22% dos ingleses é que, se pudessem, voltavam para a União Europeia, os outros já abandonaram isso. Isto é um aspecto a reter, mas é apenas um. O meu amigo Francisco Seixas da Costa faz um comentário interessante no Expresso sobre isso. O eleitorado que surge no Partido Trabalhista e as causas com que surge, dão que pensar. A dinamização de um eleitorado jovem, curiosamente conduzido por um velho (o Corbyn tem 68 anos, julgo que é da minha idade), trouxe os temas da saúde, dos direitos sociais, das nacionalizações, da utilização da riqueza, quando havia uma opinião dominante no senso-comum que a causas dos direitos sociais e dos direitos do trabalho são de uma geração anterior. Parece que não são, porque quando vamos ver os temas da campanha eleitoral americanas e vemos o Sanders e os temas dele, não. A juventude também quer isto. Eu não estou pessimista. Acho que há sinais múltiplos de que estamos numa fase difícil, pode haver loucuras e loucuras graves que atirem isto ainda para o fundo, mas há dinâmicas novas.

### Em Portugal não temos o fenómeno da extrema-direita.

Aquilo a que se está a chamar populismo é uma decorrência da incapacidade de resposta dos poderes do centro que não têm sido capazes de responder às pessoas e defraudaram as expectativas. Já vamos em duas gerações de jovens, uma que já está a aproximar-se dos 50 anos, a quem foi dito: vai à escola, porque aí está a alavanca social e, depois, são defrau-

Portugal, também.

### Curiosamente, não tivemos estes movimentos, apesar da crise.

A expressão da crise é apenas a expressão. O fermento que deu origem ao reventar de bolhas em 2007/2009 vem detrás. Tivemos em Portugal movimentações sociais das mais fortes. Mesmo em 2009 e até 2011, tivemos movimentações sociais fortíssimas e dinâmicas de debate social importantes. Aconteceu, primeiro, um aprisionamento, o chamado memorando e a governação entre 2001 e 2015 foi uma subjugação do país. Aí, tivemos um azar dos diabos porque tivemos como Presidente da República uma pessoa que não teve o mínimo de esforço de racionalidade para além daquilo que era a evidência da imposição dominante e era preciso alguém que tivesse mais rasgo. Tivemos um Governo entregue claramente à submissão e a políticas que hoje está demonstrado que eram erradas. Agora, vêm os prémios Nobel da Economia dizer que é errado, mas tivemos essa subjugação. Como os portugueses tiveram, nas décadas anteriores, uma melhoria significativa da sua vida, estavam facilmente capturáveis por essa ideia de que tinham de pagar e subjugaram-se.

### É como se, colectivamente, não merecêssemos aquilo que foi atingido.

Exactamente! Foi inculcado na cabeça das pessoas, por evidência, até, de migalhas que tinham caído da mesa dos ricos para os pobres. Hoje, é uma evidência o que levou a este desastre. São negócios que estiveram por trás, no plano nacional e internacional e não o consumo.

### Para o cidadão comum nunca foi tão evidente como agora o quanto o Estado português tem estado capturado por interesses de grandes grupos económicos.

Por aqueles que acusam o Estado no que o Estado se compromete com os mais



pobres e os que necessitam mais de apoio, para o capturar, porque o Estado ficou na mão deles. Isso é uma evidência. Agora, tivemos uma outra sorte, em 2015, que foi esta solução política.

### **"O MARCELO, EM MUITOS ASPECTOS, É UMA BOA SURPRESA"**

**Alguma vez pensou que o seu PCP alguma vez viabilizaria...**

Fui militante do PCP muitos anos. No dia das eleições escrevi um artigo a dizer que à noite ia haver surpresas.

**Tinha conhecimento dos contactos que já havia entre as cúpulas do PS e o PCP?**

Se alguém pensa que no dia das eleições já estava assegurado que ia haver este caminho, está errado.

**Não estaria, mas já tinha havido contactos.**

Sou amigo, não de convivência diária, do primeiro-ministro. É uma pessoa por quem tenho estima e recordo-me de duas ou três conversas com ele nos meses anteriores às eleições e uma das coisas nessas conversas era a necessidade de ele não abandonar a ideia de que o arco da governação - essa expressão - tinha de acabar. Mas será que os partidos à esquerda vão assumir as suas responsabilidades? O que dizíamos os dois era: só há um caminho, é forçar, forçar, forçar e dizer que o arco da governação não tem sentido e todos têm de governar. Eu sou fervoroso apoiante da solução política. Num esforço sincero de distanciamento, tenho dito que o melhor que podia acontecer para a economia e para a sociedade portuguesa, era esta solução política.

**Gostava de ter feito parte dela, enquanto Presidente da República? Tem pena de não ter conseguido concretizar... não sei se um desejo?**

Nunca estive na minha agenda a necessidade de entrar nesse processo e, por coincidência, no período de aproximação da campanha eleitoral, tive pro-

blemas de saúde que tive de resolver, julgo que é a primeira vez que o digo. Mas, não era isso...

**Percebeu que não tinha os apoios suficientes?**

Não. Conduzi-me para uma análise que era: se eu entrar no processo, não ajudo nada a esquerda, o melhor é deixar...

**Já pôs de lado essa possibilidade? Ou acha que não tem de pôr nem de deixar de pôr?**

Não tenho de pôr de lado nem deixar de pôr. Dei o meu apoio ao Sampaio da Nóvoa porque ele também me solicitou e tentei ajudar na ponta final da campanha dele. Mas, a ideia que eu e outros amigos tínhamos, é que ele não tinha possibilidade de ter êxito. O terreno não estava preparado. Entretanto, o Marcelo foi eleito e em muitos aspectos é uma boa surpresa e uma boa solução para o contexto. No futuro, não sei. Cada um de nós, traz as suas cargas. Mas, logo se verá. Por agora, tudo certo.

**Não tem nada a apontar-lhe, portanto?**

Não é isso! É positivo isto que se gerou na sociedade portuguesa.

**É barcelense. Que ligação tem com Viatodos? Isto é uma coisa muito minhoto, mas tem algum bocado de terra que herdou dos seus pais? Alguma coisa que o faça voltar?**

Não tenho, porque abdi-quei de ter. Tenho cinco irmãos, três deles vivem em Viatodos, outro em Grimancelos e uma outra é que vive em Santiago da Cruz, Famalicão. Tenho ligações familiares profundas e amigos que estimo muito. Quando posso, visito. Passo lá muitas vezes, mas com muito pouco tempo. Ainda há 15 dias vim fazer uma palestra ao Politécnico de Viana e, no dia seguinte, uma conferência à Escola Profissional de Vila Verde, e optei por ir dormir à casa que era dos meus pais e agora é da minha irmã. É muito a correr, mas tenho os meus amigos, tenho uma grande identidade e continuarei na minha vida a circular por aqui. Sou barcelense de pleno.